

REFLEXÕES SOBRE OS ASPECTOS LEXICAIS NA FALA DO SERTANEJO DO SUL DO MARANHÃO³⁰

REFLECTIONS ON ASPECTS LEXICAL TALKING SERTANEJO SOUTH
MARANHÃO

Maria Célia Dias de Castro
UEMA/CESBA

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre alguns processos da dinâmica léxica na formação e alteração de itens lexicais do sertanejo do Sul do Maranhão. São apresentados aspectos sócio-históricos dessa região e o processo de formação do léxico, no que diz respeito aos fenômenos morfofonêmicos e morfossemânticos da língua.

Palavras-chave: itens lexicais, história, formação do léxico.

Abstract: This paper aims to discuss some processes of the lexical dynamics in the formation and or alteration of lexical items to the backcountry of the south region of Maranhão. Aspects of the history of the region are presented and the processes of formation of the lexicon and the socio-historical, with regard to the phenomena of morphofonological and the morphossemantic aspects of the language.

Keywords: lexical items, history, training lexicon.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende fazer uma reflexão acerca de alguns processos motivadores da criação, aquisição e alteração que ocorrem nas formas léxicas peculiares do falar

³⁰ Trabalho apresentado como avaliação final da disciplina Morfologia, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO.

local da região Sul do Maranhão e apresentar algumas relações entre o léxico e os níveis fonológico e morfológico da língua.

Para atender às transformações ou novas necessidades com que se depara no seu ambiente linguístico, muitas vezes distante dos termos que preencheriam essas abstrações, o sertanejo vai-se utilizando de novos termos ou criando outros, como também dá novos significados a termos já existentes.

A FORMAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DO SERTANEJO

A colonização da região Sul do Maranhão, conhecida na época como Pastos Bons, ocorreu de forma tardia em relação às do litoral maranhense, na segunda metade do Século XVIII. Vaqueiros pernambucanos e baianos por aqui adentravam, utilizando-se do sistema de Bandeiras, grupos de guerra que se compunham de centenas de homens, munidos com armas de fogo, com o objetivo de afugentar os povos indígenas habitantes do sul do Estado. Eles fizeram incursões margeando os rios que banham esta região, pelos rios Neves, Balsas e Macapá, à procura de terras para a criação do gado.

Nesse processo, fundaram vilas e dizimaram muitas tribos. Dentre essas, foram os Pimenteiras³¹, os Gueguê e os

³¹ Esclarecemos que a escrita dos nomes dos povos indígenas e de suas respectivas línguas, utilizada neste trabalho, segue a convenção de 1953, promovida pela Associação Brasileira de Antropologia, atualmente adotada pela grande maioria de antropólogos, linguistas, missionários e pelos próprios indígenas. O ponto principal

Acoroá que resistiram às invasões por mais tempo, numa luta sangrenta pela manutenção da terra e da cultura (CABRAL, 1992). Entretanto, em 1758, os bandeirantes conseguiram o aldeamento dos Acoroá, na aldeia de São Félix de Balsas, enquanto outros Acoroá e Gueguê haviam sido aldeados na missão de São Gonçalo, no Piauí. Ribeiro (2002 [1815; 1819; 1819]) nos informa que conheceu essa aldeia no início do Século XIX. Segundo ele, nesta região viviam mais de oitenta mil índios, conhecidos como Timbira³². Nesse período, aquele aldeamento já se encontrava em declínio e a frente de vaqueiros aprisionara e afugentara os indígenas das campinas para ceder lugar à civilização do couro (CABRAL, 1992). Dessa forma, misturou-se a base humana da região, a princípio, os remanescentes índios do grupo Timbira com os bandeirantes vaqueiros nordestinos (da Bahia e Pernambuco); posteriormente, alguns escravos trazidos da região litorânea maranhense, ou fugitivos do sistema escravagista. O sertanejo da região de Balsas, “caboclo”, continuou sua mestiçagem da mistura de alguns remanescentes dos escravos com os retirantes nordestinos das secas do final e início dos Séculos XIX e XX, principalmente dos estados do Ceará e do Piauí. A

dessa convenção que aqui seguimos é “os nomes de povos (e de línguas) indígenas serão empregados como palavras invariáveis, sem flexão de gênero nem de número: a língua Boróro (e não Boróra), os índios Boróro (e não Boróros)” (RODRIGUES, 1986, p. 10). Esses nomes serão escritos em letras maiúsculas.

³² O antropólogo Darci Ribeiro (1986) informa que teria havido mais de duzentos mil índios, dos quais sobreviveram os Canela, os Krikati, os Gaviões e os Khrahô.

partir da década de setenta (Século XX), chegaram agricultores gaúchos à procura de terra para o plantio no sistema mecanizado.

Há, pois, grande diversidade étnica que influenciou a formação histórica e cultural do nosso sertanejo, em que esse sincretismo cultural, sem dúvida, marcou a língua, no seu processo de formação. Assim, a história que constitui o homem sertanejo e a sua cultura é a própria história constitutiva dos falares regional e local. Para ilustrar essas marcas no discurso do sertanejo, utilizamo-nos do corpus levantado, por meio de entrevistas gravadas, para a nossa dissertação de mestrado (CASTRO, 2008), do qual deriva nossa análise.

1 ANÁLISE DOS DADOS

As duas funções primárias da linguagem humana, segundo Givón (2001), são a representação e a comunicação do conhecimento. Esta, dividida em dois subsistemas: de representação e de codificação cognitiva. O sistema de representação cognitiva compreende o nível léxico-conceitual, o da informação proposicional e o do discurso multiproposicional. O nível léxico-conceitual, segundo esse autor, é um repositório de conceitos estáveis no tempo, em que o fluxo do conhecimento é gradual; no compartilhamento social, em que as palavras possuem o mesmo significado para todos os membros de uma comunidade de fala; e como bem-

codificado, em que o conhecimento lexical é apresentado associado com seus próprios rótulos de códigos perceptuais, constituindo um mapa cognitivo do nosso universo linguístico experiencial, organizado como uma rede semântica de nódulos e conexões.

Considerando essa rede semântica (GIVÓN, 2001), analisamos os itens lexicais sob as perspectivas da dinâmica sistemática, histórica e sociocultural. Primeiramente, apresentamos os grupos e respectivos subgrupos, com esclarecimentos acerca de cada um. Em seguida, os itens lexicais, com o significado e a etimologia extraídos do Houaiss e Vilar (2001), doravante HV2001. Especificamos o significado depreendido no ambiente linguístico original e discorremos acerca dos processos da dinâmica lexical.

Itens lexicais sob a perspectiva da dinâmica sistemática da língua

Esses processos morfológicos envolvem a mudança/recriação das formas existentes no plano intraléxico, em que há a eliminação, a alteração ou a inserção de segmentos vocálicos ou consonantais na raiz de formas já existentes, com repercussão ou não no significado destas formas. Identificadas essas ligações, passa-se a estudar a relação constitutiva das formas existentes, a estrutura morfológica e semântica que subjazem à constituição do item lexical e, a partir de então, a identificar a formação de unidades mínimas significativas, os morfemas e as palavras.

Além desses, influenciam esses processos os fatores semânticos e pragmáticos (AIKHENVALD, 2007).

- b) Inventário de itens que apresentam mudanças fonético-fonológicas

A sistematicidade do contexto fônico é o responsável pelas alterações que se processam na forma em virtude de motivações como a posição na sílaba ou no vocábulo, as condições do acento, o ambiente determinado por outros fonemas, processos de assimilação/dissimilação, maneira como o fonema se liga ao que se lhe segue.

Carcamanjo

Mudubim: Pois é. Qui era do finadu Zé Vicenti, irmão de Salumãu Carcamanju.

HV2001: carcamano substantivo masculino (1867); indivíduo nascido na Itália, macarrone. Indivíduo de origem árabe. Engraxate, vendedor ambulante. Etimologia de origem duvidosa.

[O termo refere-se a estrangeiros, vindos principalmente de países do oriente.]

[Em carcamanjo, há a alteração da forma fônica, com um processo de dissimilação, com a alteração da nasal /n/ e a inserção do fonema palato-alveolar /ʒ/, em virtude de o ambiente da última sílaba ser influenciado pela existência de fonemas nasalizados da sílaba precedente, passando aquela a ter um aspecto palatal ou “molhado” em vez de nasal.]



Cumbuero

Neuza: U meu pai era u cumbueru daqui di cima.

HV2001: Adjetivo substantivado (1734); aquele que comboia. Comboio é substantivo masculino (1654); conjunto organizado de veículos que transportam mercadorias, víveres, utensílios, pessoas etc. para um mesmo lugar sob a guarda de uma escolta; conjunto de animais ou pessoas que se deslocam próximos uns aos outros, demandando um mesmo destino; tropa de bestas de carga que levam gêneros e mercadorias. Etimologia francesa: convoi; derivado do latim popular *conviare*, ir pela estrada.

[Comboieiro é, na linguagem do sertanejo, o vendedor de mercadorias que não tinha propriamente um comércio estabelecido, mas também não tinha função como a atual de um camelô. Esse personagem comprava as mercadorias em quantidade suficiente, por um determinado período, para abastecer certa “redondeza”.]

[Em cumbueru (comboieiro), há o alçamento do traço de altura do fonema /o/, facilitado pela posição pretônica (influência do acento) e monotongação do ditongo ei.]

Invanti

Mudubim: Vamu prantá só di janeru invanti qui aí é terra seca.

HV2001: O mesmo que em vante, significa “em diante, de janeiro em diante (1655)”. Uso mais empregado nas locuções





levar à vante. Levar à frente do navio, entre a caverna mestre e a roda de proa. À proa, na proa.

[Em invanti há o alçamento³³ da primeira vogal, motivado pela assimilação do traço de altura do /i/ da última sílaba, além da junção da preposição para desfazer a locução adverbial.]

Tcheus

Mudubim: -Mininu, tu rá ta estudanu mininu?Rapaiz, vai cuidá di tcheus inguentu pá chegá im tcheu horáriu mininu!

HV2001: Teu, pronome possessivo que determina um substantivo (coisa ou pessoa) (s. XIII); que é relacionado às pessoas a quem se fala (segunda pessoa do singular), significando: pertence à, ou próprio da, ou provocando ou sentido pela pessoa a quem ou com quem se fala: a ti, de ti, por ti. Que te compete ou te é devido; que te cabe. Etim. latim: tuus, tua, tuum, tuum; teu tua.

[Tcheus é o mesmo que teus.]

[No pronome possessivo tcheus há a africacão do /t/ diante de /e/, facilitada pelo ambiente fonológico, que é a tendência de o /t/ tornar-se uma africada diante de /i/ e, menos comumente, diante de /e/. Também ocorre com esse pronome diante de /a/ Tch as coisas, e de /o/ tcho pai.]

c) Inventário com processos de truncamento

³³ Sobre o alçamento vocálico, veja Castro e Aguiar (2008b).





O truncamento é um processo intra e interléxico alterativo de abreviação, que consiste na diminuição da estrutura da forma-base. Essa alteração pode espalhar-se também a nível semântico e se desdobra de várias formas. Denominado abreviação, redução, truncagem, truncação, de forma mais conhecida truncamento (ASSUMPÇÃO JÚNIOR, 1986). O truncamento é tido como um tipo de abreviação intencional, o que o distingue da apócope, sendo esta não intencional e inconsciente³⁴. Araújo (2002) defende que o truncamento é um processo morfológico não linear ou não concatenativo, pela ausência de encadeamento, sendo substituído por supressão de elementos cujas formas truncadas são dissilábicas. Vilela, Godoy e Silva (2006) postulam que o truncamento é um fenômeno de encurtamento que gera formas com até três sílabas, como podemos verificar, a seguir.

Menopá

Disa: É qui tá quenti, i eu tẽu ãa agitaçaũ da menopá i aí ela misturô aqui (risos).

HV2001: Menopausa é a interrupção fisiológica dos ciclos menstruais, devido à cessação de secreção hormonal dos ovários. Etim. men(o) + pausa.

[Menopá é o mesmo que menopausa.]

Vertença

³⁴ Conforme Assumpção Júnior (1986, p.120)





Disa: praquê lá é bom, lá tõi nossas vertença, nóiz...

HV2001: Diversão, Substantivo feminino (1660); ato ou efeito de divertir-se; algo que serve para divertir. Etim.: latim *tardio diversio*, onis, digressão, diversão.

[Vertença é o mesmo que diversão.]

[Vertença é formado pelo processo de truncamento, com a perda de di- e modificação morfofonêmica, com o acrescentamento da consoante de ligação -t- e do sufixo -ença. Nesses dois itens, há um processo alterativo de abreviação, denominado truncamento.]

d) Itens lexicais sob a perspectiva da dinâmica histórica

O processo de formação dessas palavras deu-se em virtude da história externa e interna, por meio da influência de outras línguas. Neste caso, as línguas indígenas e as línguas africanas. Assumpção Júnior (1986, p. 108) denomina este processo de apropriação por transposição, em que há a adoção do “signo estrangeiro”, preservada ou não sua estrutura fônica originária. Nestes casos, o autor diz haver adaptação, ou seja, um ajustamento da estrutura sonora da forma léxica ou aportuguesamento.

e) Inventário cujos termos constam de origem de línguas indígenas brasileiras

O território brasileiro, antes de sua ocupação, era formado por diversas nações indígenas, os Tupi ou Tupinambá. Em virtude da grande quantidade desses povos,



no Século XVIII havia uma espécie de bilinguismo, em que os portugueses falavam tanto a língua materna quanto a língua geral Tupinambá³⁵. Grande foi a contribuição das línguas indígenas para o português brasileiro. Não menos importante, a das línguas africanas, posto que chegaram ao Brasil, a partir do Século XVI, cerca de 18 milhões de escravos, principalmente de cultura banto e sudanesa. A contribuição africana para o léxico do português do Brasil resume-se a uma pequena quantidade de palavras. Entretanto, inúmeras formas foram conservadas, tanto de origem indígena quanto de origem africana, com algumas alterações morfofonêmicas, como ilustramos, a seguir.

Tindi/Timbó

Luzia: Tindi. Eu chamo timbó, maisi é porque quer chamar maisi o nome deli é tindi.

HV2001: Etim.: Tupi timbó (1560). Designação comum a várias plantas das famílias das leguminosas e das sapindáceas, cuja seiva é tóxica para peixes e, por isto, usada para pescar, variedade de cipó.

[Tindi e/ou timbó é uma fruta do cerrado bastante popular na região pesquisada. A forma variante tindi não foi encontrada no Houaiss.]

Catolé, Piaçaba

³⁵ Língua de contato resultante da base do português com o léxico/morfologia Tupinambá.



Neuza: Catolé, piaçaba, piaçaba...

HV2001: Substantivo feminino (1644); planta da família das palmas, espécie do gênero *attalea* frequentemente com frutos pequenos e oleaginosos, do Tupi *piä'sawa'*. Catulé, etim.: Tupi (1817): *katu're*.

[O catulé é uma fruta do cerrado bastante utilizada pelos sertanejos. A piaçaba ou piaçava é uma palmeira, cuja palma é utilizada para confeccionar vassouras, abanos, tapitis, entre outros utensílios, como também para fazer cobertura de casas.]

Tucum

Neuza: - Tucum, óliu di tucum.

HV2001: Substantivo masculino (1587); etimologia Tupi *tukũ*, designação de várias espécies de palmeiras, geralmente cepitóras, do gênero *Ostracaryum* e *Bactris*, nativas do Brasil e de países vizinhos, com frutos frequentemente comestíveis e folhas das quais se extraem fibras, conhecidas como fibras de tucum, tucunzeiro.

[Fruta do cerrado, bastante comestível e nutritiva, de sabor adocicado, que possui uma água dentro do coco. Assemelha-se ao coco da praia, sendo bem pequeno.]

Caititu

Aninha: Mar lá no Balsã eu teum bola de caititu, roda de caititu.

HV2001: O caititu é um instrumento utilizado na engenhoca de ralar a mandioca ou em outros produtos; peça principal,





cilíndrica à qual se adaptam serrilhas metálicas e que tem uma das extremidades em forma de roldana, para através dela, se imprimir movimento de rotação. Substantivo masculino (1610); etim.: Tupi: tãite'tu, porco do mato.

Cuim

Aninha: Aí comprê ûa raçãu qui'eu compru, é u quilu di cuím, vinti i cincu centavu.

HV2001: Substantivo masculino (1866); resíduo deixado pelo arroz, limpadura de arroz. Etim.: Tupi: cuí com nasalização -í > -im em posição final.

[O cuim é uma palha de arroz triturada misturada aos grãos que, por serem muito pequenos, deixam de ser aproveitados, quando do processo de seleção do arroz. É bastante nutritivo, utilizado para alimentação de animais e como reforço alimentar para pessoas desnutridas.]

Mamucapo

Deci: Sim. É essi aqui, ó, qui é u mãmucapu.

HV2001: O mesmo que mamucaba ou mamucabo – trançado que liga o pano aos punhos da rede. Para Teodoro Sampaio, alteração de mambucaba, por sua vez, corruptela de mombucaba, furo, abertura, passagem, do tupi mombu'ka, o furo, o furado.

[O mamucapo é uma peça que ajuda a manter organizadas as linhas de fiar.]





Capuera

Atividade - As capuera véa, pãiandu, pãia macachera.

HV2001: Etim.: Tupi; área de mato cuja vegetação anterior foi roçada e/ou queimada para cultivo ou outros fins.

[Capueira é o mesmo que mata não utilizada no plantio de roça por já estar desgastada.]

[Inventário de origem africana presente no falar local pesquisado.]

Andu

Atividade - Si eu subessi eu levu u andu pa siôra ,eu levú u andu i nun custa nada nãun.

HV2001: Etim.: quicongo, o mesmo que guandu, subarbusto ereto de até 3m da família das leguminosas.

[Andu é uma espécie de feijão considerada bastante medicinal nessa região.]

Canga

Deci: Essa peça aí é ãa canga, pá botá nu boi.

HV2001: A canga é uma peça de madeira usada para prender as juntas de bois. De etim. quiconga, africana.

- f) Itens lexicais sob a perspectiva da dinâmica sociocultural: processos criativos de formação do léxico

O sertanejo, ao dispor de certa quantidade de elementos que competem paradigmaticamente, seleciona os que lhe parecem





mais convenientes, influenciado, principalmente, por fatores semânticos e pragmáticos. Esses processos criativos de formação do léxico nem sempre são coincidentes com os mesmos de derivação e composição que se apresentam nas gramáticas tradicionais. No entanto, as gramáticas translinguísticas trazem maiores possibilidades de identificação deles.

g) Inventário com processos de derivação não tradicional

Neste inventário, apresentamos os processos de derivação não tradicional. Posto que alguns afixos apresentam forma peculiar específica da região, o item lexical é geralmente uma forma recuperada/preservada, em função do caráter tanto conservador quanto inovador.

Apusentação

Conceição: Eu vim, demorei essi' zôtu... essir dia pá arrumá essir documêntu dessa apusentação ...

HV2001: Etim.: aposentar + ação; foi acrescentado o sufixo -ção formador de substantivo (1871).

[Apusentação é o mesmo que aposentadoria.]

[Processo de sufixação, com o acréscimo do sufixo -ção.]

Malaquenta

Natividade: Agenti pranta poquin, puque a coiza tá poca, toda malaquenta véa toda duenti véa, num é?



HV2001: Malacafenta, adjetivo (1899), quem está com malaca, doente, enfermigo. Etim. malaca + ento, com elemento de ligação arbitrário “f” mais o sufixo -enta, que está caracterizando a forma como um adjetivo.

[Processo de sufixação, com o acréscimo do sufixo -enta.]

Dicumê

Aninha: Mar u mais é tudo junto i teu pena quando eli tá lá só, pois eli é quem faz u dicumer.

[De-Comer, que se transformou em dicumê; o mesmo que comida.]

[No item lexical dicumê há o processo de derivação imprópria, processo de substantivação, formado pela junção da preposição de com o verbo comer, formando um substantivo comum.]

h) Categoria de itens lexicais idiossincráticos

Nesses processos da dinâmica léxica, percebemos que há inovação pela mudança semântica de um termo, o qual adquire propriedades significativas especiais, próprias de cada pessoa ou de grupos específicos de pessoas, ou seja, idiossincráticas. Essas propriedades são motivadas, dentre os muitos fatores, pelo contexto sociocultural local. A forma adquire novo significado, sem, no entanto, perder totalmente o significado anterior do vocábulo, além de que, não necessariamente há modificação na forma.



Amigá

Mudubim: Num gostu di casá fia mia, não. Gostu di vê é si amigá pá si batê na vida delis.

HV2001: O verbo (Século XV) significa ligar- (se) por mancebia, tomar- (se) amante de. Etimologia: amigo + ar.

[Amigá, viver maritalmente, sem o enlace matrimonial do casamento civil ou religioso.]

[Derivado do substantivo amigo, possui conotação meio pejorativa nas comunidades rurais.]

Trisca

Neuza: - Aqui era tão difiçu, agenti cumia du trisca, du sal, é.

HV2001: Substantivo masculino (1560). Ato ou efeito de triscar; etimologia: gótico thriskan, debulhar, trilhar.

[Pequena quantidade com que era utilizado o sal, pela sua escassez, até o início do Século XX.]

[Há o processo de substantivação do verbo triscar, motivado semanticamente pela situação de carência do uso do sal até meados do Século XX.]

[Nestes quatro itens lexicais amigá, cercado, cuberta, trisca houve recategorização de função morfossintática dos termos, ou seja, a atribuição de uma nova categoria linguística diversa da já existente, comumente denominada por derivação imprópria. Assumpção Júnior (1986) denomina-os recategorização, derivação imprópria, transposição, translação e conversão. Este





processo é bastante recorrente em diversas línguas, principalmente no português.]

Pratu

Aninha: Saía quatu hora, cum deis pratu de cocu i dois litro di azeiti na cabeça.

HV2001: O prato (1485), nas balanças antigas é um tipo de recipiente em forma de prato ou tigela em que são colocados os pesos e o que se quer pesar; unidade de medida para cereais.

[Na região pesquisada, o prato era muito usado como uma unidade de medida para cereais representada por duas medidas em caneca de flandre.]

Incosto

Mudubim: Tô pricisandu dum incostu.

HV2001: Substantivo masculino (1562), aquilo que serve de amparo, de proteção, de arrimo. Etimologia de encostar cost(i); do latim costa,ae, costela, lado, flanco.

[Incosto, na linguagem dos sertanejos pesquisados, é o mesmo que aposentadoria.]

Assunta

Mudubim: Ai, dona Célia, é bom dimais, purquê u seu fiu assunta, u meu assunta...

HV2001: O verbo assuntar (1872) é o mesmo que prestar atenção, reparar; pensar longamente, refletir, olhar, ver, verificar com detalhes; apurar. Etim.: assunto + ar. latim sum,





praesumo, is praesumpsi, praesumptum, ere, tomar antes do tempo; fazer juízo antecipado, conjecturar, suspeitar, presumir.

[Assuntar é o mesmo que observar, analisar, ponderar sobre os estados de coisas.]

Papa-Fogo

Zezão: U papa fogu.

HV2001: isqueiro tosco.

[Papa-Fogo é um instrumento rudimentar bastante utilizado para acender um fogo, isqueiro rudimentar, tosco. Substantivo composto masculino.]

Tramóia

Deci: Eu, da mñã lĩnguagi antiga, chamava era tramóia...

HV2001: Etim.: espanhola (1679), tramoya é um tipo de renda paulista, de pontos largos.

[Tramóia é um tipo de renda feita manualmente sem o uso de nenhum instrumento.]

[Esses três itens lexicais assunta, papa-fogo e tramoia passam por um processo de reativação, o qual consiste na retomada de uma forma ou significado que tenham caído em desuso, por terem sido superados por outros (escuta, presta atenção, observa; renda, varanda), principalmente nas áreas urbanas, onde o ambiente linguístico é mais propenso à dinamicidade. Entretanto, cremos nunca ter caído em desuso na zona rural pesquisada, o que nos faz pensar num processo de retenção





dessas formas. Os termos são reativados ao nível do léxico local, pois parecem obsoletos nas demais regiões em que o português é falado.]

Dirmartia

Zeção: Aí cumeçô dirmartia a coluna.

HV2001: Verbo dismantelar (1648); fazer ruir ou ruir, fazer vir ou vir abaixo; descompor- (se) [algo] de maneira que deixe estar feito, montado, coeso, unido ou equilibrado; desagregar- (se), desmanchar- (se), desestruturar- (se); causar transtornos a; desarranjar, desorganizar, perturbar. Etimologia francesa: *démanteler* (1563).

[Dismartiar é o mesmo que dismantelar, adoecer da coluna.]

[Em dirmartiar há uma mistura das formas desmarcar (dismantelar), sair fora dos limites, com dismantelar (dismantelar > dirmartiar), havendo a junção dos dois termos com todos os processos fonológicos de adequação, como a assimilação e supressão de fonemas para a formação do novo item, sem, no entanto, haver prejuízo do significado das duas formas componíveis.]

Furmina

Ciçu: Têi... Vixi! A penadia tá lá reservada, chega furmina!

HV2001: Etim.: latina; formigar é o mesmo que ter em abundância, pulular, fervilhar (1562).





[Furmina é o mesmo que existir em quantidade quase que excessiva.]

[Há rotacismo do /l/ em /r/ no verbo fulminar quanto à alternância do vocábulo “formigar” com a assimilação do /g/ > /n/, ou ainda pode haver uma fusão morfológica e semântica das palavras formigar e fulminar, em virtude da semelhança entre as mesmas, tanto na forma quanto no significado. Em furmina, a junção de formiga com fulmina porta a ideia de grande quantidade de coisas/seres.]

Pècurei

Conceição: Não, eu fui lá, ela nũm tava. Aí eu pecurei a ela.

HV2001: Etim.: latina praecurto, as, avi, atum, are; percontare; Século XV perguntarrom, indagar; etim.: latina procuro, as, avi, atum, are, tratar com cuidado de negócios alheios, administrar, governar, olhar por, presidir, fazer expiações.

[Pècurei refere-se à alternância do vocábulo procurar, tendo em vista outras realizações em que ocorrem as seguintes alternantes: procurei > percurei > pecurei; ou ainda perguntei > peguntei > pecuntei > pecurei, assim, há uma fusão morfológica e semântica das palavras procurar e perguntar, em virtude da semelhança entre elas tanto na forma quanto no significado. Pècurei é o mesmo que perguntei.]

[Em palavras como dismartiar, furmina e pècurei ocorre a composição (acoplação) ou imbricação que é um tipo de conjunção em que há a formação de uma forma léxica pela





junção de pelo menos duas outras palavras com prejuízo da forma fônica das palavras preexistentes. Assumpção Júnior (1986), baseado no termo francês *acronyme*, dá o nome de acronimização. Por acumular componentes de várias palavras recebe o nome de *portemanteau* (francês).]

i) Itens lexicais com especificação de significado

Nesses itens lexicais, os fatores motivadores da mudança/alteração, são os semântico-pragmáticos. Um determinado item passa a ter um nome mais específico, motivado por uma relação de semelhança metafórica e metonímica entre este item e outro já existente. O novo nome e o anterior se relacionam por algum tipo de contiguidade conceptual (relação metonímica) e ou por uma relação existente entre duas realidades semelhantes, com a mesma forma (relação metafórica).

Fuzil

Zeção: - Aqui é a pedra, aqui é u fuziu.

HV2001: Substantivo masculino (Século XIV), isqueiro de chifre de boi; binga. Etim do latim vulgar *focile* derivado do latim *focus*, i, fogo; providência abreviada de *facilis petra*, pedra de fogo.

[O fuzil, nesse contexto, é parte do papa-fogo ou binga que, em contato com a pedra, aciona a faísca que acende o algodão, ou pavio. Usado para acender o fogo, cigarros, ou cachimbos.]

[Há relação i) de semelhança (metafórica) entre o instrumento mais específico que aciona a faísca, o qual é cunhado fuzil, e a





arma que leva a mesma denominação, ou seja, o instrumento que aciona a faísca; ii) de contiguidade (metonímica): o instrumento em si é denominado com o nome da arma inteira.]

Artifício

Zezão: - Chamava papa-fogu. Di primero, di primero a lingagi era artifício.

HV2001: Etim.: latim artificium, ii, arte, arte mecânica, trabalho artístico, conhecimento técnico, ofício, ocupação, astúcio, habilidade, aptidão, ciência, teoria, sistema.

[Artifício é um dos nomes que recebe o instrumento papa-fogo ou binga. Informalmente, isqueiro; artefato. O dicionário Houaiss registra este item como típico do Rio Grande do Norte, da Bahia e de Goiás. No entanto, é um termo bastante recorrente na zona rural da região pesquisada.]

[Há uma relação metonímica da significação de artefato, com o artefato específico fuzil.]

Penadã

Ciçu: Têi.. Vixi! A penadã tá lá reservada, chega furmina.

HV2001: Empenado, adjetivo (Século XIII) adornado com penas; emplumado. Etim.: do participio de empenar, pen(i), elemento composto antepositivo, do latim, penna, ae, asa, o que serve para voar; asa (das abelhas); pena grande das asas ou da cauda das aves, em oposição a pluma.





[Penadã, penadinha é o mesmo que galinha, frango, capão; forma diminutiva de “penada” que por sua vez já é uma forma truncada de empenada.]

[Há uma relação de contiguidade da característica geral da espécie ave para denominar um tipo específico de ave, a galinha. Também aqui há uma recategorização do adjetivo para um substantivo (denominada derivação “imprópria” no português tradicional) em que essa conversão, nos termos de Aikhenvald (2007), carrega consigo a flexão de grau diminutivo.]

Congresso

Mudubim: As veiz um homi até di congressu...

HV2001: Substantivo masculino (1510); ato de conversar, de dialogar, entrevista, conversação, conferência. Etim.: do latim congressus, us, trato, comércio, relação, entrevista, conferência, conversação.

[De congresso significa, neste contexto, de responsabilidade, de caráter.]

[Há uma relação de semelhança e contiguidade entre as pessoas que representam o congresso, as quais o falante imagina que sejam de respeito, de boa reputação, e o sujeito a quem ele tenta qualificar.]

Tribuna

Mudubim: Ali têi muita tribuna, mña rimã, eu vô lhi dizê, nói ramu lhi jogá lá dentu.





HV2001: Substantivo feminino (Século XV); capacidade de falar e expressar-se com desenvoltura em público; eloquência. Etim. do latim tardio *tribuna,ae*, púlpito do tribuno.

[Tribuna, neste contexto, significa confusão, negócios duvidosos, “rolos”.]

[Há uma relação de contiguidade e semelhança entre tribuna e o que pode ocorrer durante o momento em que se esteja nesse local (por exemplo, as típicas discussões parlamentares) ou exercendo o ato de falar/discutir. Desta forma, o falante se utiliza conceptualmente desta relação para nomear os substantivos que têm relação de significado com congresso (pessoa culta, respeitosa) e tribuna (confusão).]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esta análise, entendemos que cultura e linguagem estão ligadas por meio de um relacionamento estrutural, pois a cultura é o conjunto dos padrões de comportamento, atitudes, crenças, costumes e saberes que são inerentes ao indivíduo e ao meio social em que ele está inserido. Intrinsecamente ligada à cultura está a história, cujos eventos marcam a cultura e, por conseguinte, a língua dos sujeitos que as vivenciam. Logo, a cultura e a história “influenciam” o nosso pensamento, a forma como recortamos, como compreendemos, como categorizamos e classificamos as coisas, como propuseram Sapir (1985) e Worf (1988), e são esses elementos que constituem a essência do



que é expresso pela língua. Significa dizer que por meio da língua são transmitidas as experiências, que são uma representação de mundo. Essa representação de mundo se dá, principalmente, através do léxico. Portanto, os itens lexicais são resultantes da memória conceptual, marcada pelo seu processo histórico (GIVÓN, 2001).

Com base nesses pressupostos, fizemos algumas reflexões preliminares acerca dos processos na dinâmica do sistema lexical do sertanejo balsense. Os exemplos se apresentam em mais de um dos níveis e não há uma delimitação precisa entre as categorias morfológicas e as semânticas, posto que houve não uma categorização tipológica, mas uma classificação, feita mais por necessidade didática, por ser difícil estabelecer uma fronteira entre a dinâmica sistemática, a histórica e a sociocultural dos processos dinâmicos desse léxico.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. (2007). *Typological distinctions in word-formation*. In SHOPEN, T. Language, Typology and Syntactic Description. V. III, 2. Ed. Cambridge University Press.
- ARAÚJO, Gabriel (2002). Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.10, n.1, p. 61-90, jan./jun..
- ASSUMPTÃO JÚNIOR, A. P. (1986). *Dinâmica Léxica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença.
- CABRAL, M. do S. C. (1992). *Caminhos do Gado: conquista e ocupação do Sul do*



Maranhão. São Luís: SIOGE.

CASTRO, M. C. D. de. *Descrição histórica das vogais na fala do sertanejo da região de Balsas-MA*. Universidade Federal de Goiás (Dissertação de Mestrado), 2008, 184f.

CASTRO, M. C. D. de. AGUIAR, M. S. de (2008b). O alçamento e o abaixamento vocálicos no dialeto da região do Gerais de Balsas. *Revista Signótica*. Goiânia, v. 19, p. 277-298.

GIVÓN, T. (2001). *Syntax: An Introduction*. V.1. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin.

HOUAISS, A. Villar, M. de S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

RIBEIRO, D. (1986). *Os índios e a civilização*. 5. ed. Petrópolis: Vozes.

RIBEIRO, F. de P. (2002 [1815; 1819; 1819]). *Memórias dos sertões maranhenses*. Reunidas aos cuidados de Manoel de Jesus Barros Martins. São Paulo: Editora Siciliano.

RODRIGUES, A. D. (1985). *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SAPIR, E. *Selected Writings in Language, Culture, and Personality*. London: University of California Press Ltda..

VILELA, A. C., GODOY, L., SILVA, T. C. (2006). Truncamento no português brasileiro: para uma melhor compreensão do fenômeno. *Revista Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.14, n.1, p. 149-174, jan./jun.

WHORF, B. L. Science and linguistics. In: SMOLINSKI, F. (1988). *Landmarks of American language and linguistics*. Washington D.C. Bureau of Educational and Cultural Affairs, p. 31-38.

